

## RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO PROJETO: “O ARMÁRIO NÃO É O NOSSO LUGAR”

*PROJECT PRODUCTION REPORT: “THE CLOSET IS NOT OUR PLACE”*

Alexsandro Vasconcelos Stenico<sup>1</sup>

---

**Resumo:** o seguinte artigo tem como proposta apresentar como se desenvolveu a criação e produção do projeto de documentário longa-metragem “O Armário Não É o Nosso Lugar”. O projeto aborda assuntos relacionados à comunidade LGBTQIA+ e busca gerar reflexões acerca do tema, de forma sensível e artística, fortalecendo a consciência coletiva de luta em busca da conquista de direitos e a melhora do cenário violento para a comunidade.

**Palavras-chave:** Documentário audiovisual; LGBTQIA+; diversidade.

---

**Abstract:** the following article proposes to present how the creation and production of the feature-length documentary project “O Armário Não É o Nosso Lugar” was developed. The project addresses issues related to the LGBTQIA+ community and seeks to generate reflections on the subject, in a sensitive and artistic way, strengthening the collective awareness of the fight in search of the conquest of rights and the improvement of the violent scenario for the community.

**Keywords:** Audiovisual documentary; LGBTQIA+; diversity.

---

### 1 INTRODUÇÃO

“O Armário Não É o Nosso Lugar” é um projeto de documentário longa-metragem idealizado e dirigido por Alexsandro Stenico, como parte de seu trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social: Radialismo, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru.

O documentário, produzido através do edital ProAC Editais Nº 25/2020 - Desenvolvimento de Longas, reúne diversas histórias de pessoas que passaram pelo momento de entender, aceitar e assumir suas sexualidades e identidades de gênero. Essa autodescoberta e autenticidade é fundamental para que indivíduos LGBTQIA+ se libertem das amarras invisíveis da invisibilidade e do silenciamento, e afirmem suas identidades e experiências como válidas e legítimas, ao passo que a sociedade é moldada por normas e expectativas heteronormativas e cisnormativas, onde pessoas LGBTQIA+ enfrentam a necessidade de um processo de reconhecimento, aceitação e autorevelação para desafiar essas estruturas opressivas.

---

<sup>1</sup> Cineasta, formado em Comunicação Social: Rádio e TV pela Unesp. Possui mais de oito anos de experiência em produção de conteúdo audiovisual em diversos formatos e para diferentes plataformas. Em suas produções, busca relacionar a arte com temáticas sociais de grupos marginalizados socialmente, pois acredita no audiovisual como ferramenta de transformação social. Em 2022, foi homenageado e recebeu pela Câmara Municipal de Piracicaba, o certificado pela luta contra a LGBTfobia através de seus trabalhos artísticos. Em seu último trabalho, idealizou e dirigiu a produção do documentário longa-metragem “O Armário Não É o Nosso Lugar”, sendo seu trabalho de maior sucesso, exibido mais de 60 vezes, em 7 estados do Brasil.

No Brasil, devido ao seu caráter conservador, machista e heteronormativo, o padrão social é aquele em que o sexo biológico do indivíduo corresponde ao seu gênero binário (feminino ou masculino) e o mesmo deve se relacionar com indivíduos do gênero/sexo oposto, configurando uma relação heterossexual. Os indivíduos que possuem identidade de gênero e/ou orientação sexual distinta do padrão são alvo de preconceitos, violência e discriminação, que somados aos aspectos étnicos e econômicos conformam um contexto de vulnerabilidades em que se encontram estes grupos (De Jesus Prado; De Sousa, 2017, p. 72).

A obra apresenta uma diversidade de “armários” com suas próprias histórias que, apesar de únicas, encontram ecos em outras vivências. O conceito de armário, conforme discutido por Eve Kosofsky Sedgwick (1990) em seu livro *“Epistemology of the closet”*, revela a complexidade da saída do armário para pessoas LGBTQIA+. Embora seja considerada um ato de libertação, a saída do armário pode levar à reintegração nas normas sociais, reforçando o regime normalizador. Isso significa que estar “dentro” ou “fora” do armário é ambíguo, pois o armário é como um “segredo aberto”. A política liberacionista e assimilacionista pode impulsionar essa reintegração, levando os indivíduos a adotarem normas heteronormativas para obter aceitação. A obra em questão destaca não apenas as experiências individuais, mas também examina a interação entre as políticas de libertação e assimilação, e como isso influencia a construção da identidade sexual e de gênero. É fundamental entender que a luta pela igualdade LGBTQIA+ vai além da saída do armário e requer a desestruturação e transformação do sistema social que impõe a necessidade do armário em primeiro lugar.

IMAGEM 1 - Logo do projeto



Fonte: Autor (2023)

No documentário, mulheres e homens cisgêneros e transgêneros, pessoa não-binária, de diferentes sexualidades, naturalidades e faixas etárias relembram os momentos em que

assumiram suas identidades para o mundo. Aliando entrevistas à performances artísticas, o filme busca mostrar como processos diferentes evidenciam as semelhanças que as constituem enquanto comunidade. Refere-se enquanto comunidade, um grupo diverso de pessoas que têm orientações sexuais ou identidades de gênero diferentes da norma heterossexual e cisgênero, que buscam apoio mútuo, espaços seguros e igualdade de direitos. Para além de um movimento político e social, ela é um conjunto de experiências únicas.

O objetivo do documentário é valorizar a produção cultural e artística da comunidade e trazer visibilidade às vivências, conflitos e histórias de vida de pessoas LGBTQIA+.

A produção do filme ocorreu em 5 cidades do Estado de São Paulo: Bauru, Araraquara, Limeira, São Paulo e Piracicaba, contando com uma equipe de 11 pessoas, composta inteiramente por pessoas LGBTQIA+, sendo elas:

Alexsandro Stenico - diretor;  
Ana Carolina Dall Piaggi - produtora;  
Rubens Júnior - produtor;  
Sillas Carlos - roteirista;  
Carolina Maris - diretora de fotografia, montadora, sonorizadora e finalizadora;  
Bárbara Meireles - diretora de arte;  
Gustavo Monteiro - operador de áudio;  
Thais Bruschi - animadora;  
Vitória Rod - colorista;  
Letícia Cruz - finalizadora;  
Fernanda Cavenaghi - designer.

Além das diversas performances artísticas, o filme também contém entrevistas com 9 pessoas, que buscam representar uma grande diversidade, não só de sexualidade e identidade de gênero, mas também de raça, naturalidade e faixa etária. Referenciou-se aqui o modo de condução das entrevistas e dos entrevistados segundo a forma de fazer de Eduardo Coutinho, descrita por Consuelo Lins (2004) em seu livro “O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo”. Assim, o filme busca dar voz e espaço para que os entrevistados compartilhem suas histórias e perspectivas pessoais, permitindo que os participantes se tornem atores sociais em suas próprias narrativas, destacando as vozes daqueles que são marginalizados ou excluídos socialmente. Utilizando as entrevistas como uma forma de ampliar a compreensão da diversidade e complexidade da sociedade, proporcionando um espaço seguro para que os entrevistados expressem suas experiências e contribuam para uma reflexão mais ampla sobre questões sociais relevantes.

Abaixo serão apresentadas autodescrições realizadas pelas pessoas que participaram do filme como entrevistadas e também questões pertinentes a representatividade da diversidade que o filme busca apresentar:

Adriano Nunes: homem cisgênero, homossexual, branco, gordo, 47 anos, ator, jornalista, estuda a velhice LGBTQIA+ e possui um canal no YouTube sobre o assunto, chamado “Dialogay”. Ele nasceu em Mossoró/RN, e atualmente mora em São Paulo/SP. Esse entrevistado traz questões de se assumir gay em uma família tradicionalmente patriarcal, sendo repreendido pela família por conta de sua orientação sexual. Adriano fala a respeito do corpo gordo na comunidade LGBTQIA+ e como teve que passar pela aceitação de seu corpo, além da aceitação de sua orientação sexual.

IMAGEM 2 - Adriano Nunes



Fonte: Autor (2023)

Anna Souza: mulher cisgênero, bissexual, preta, 26 anos, multiartista. Nasceu em Jundiaí/SP, e atualmente mora em Santo André/SP. Anna expõe questões raciais como a hipersexualização do corpo negro, como também assuntos em torno do feminismo e da bissexualidade. Além de ser uma personagem que traz uma representatividade vista com pouca frequência em produções audiovisuais: mulher preta de classe média alta. A marginalização da representação de pessoas pretas no audiovisual e na mídia em geral tem raízes históricas profundas ligadas ao racismo estrutural e à desigualdade social presentes em muitas sociedades. Essas estruturas de poder históricas resultaram em estereótipos prejudiciais e preconceitos enraizados sobre pessoas negras, que muitas vezes são perpetuados na indústria cinematográfica.

IMAGEM 3 - Anna Souza

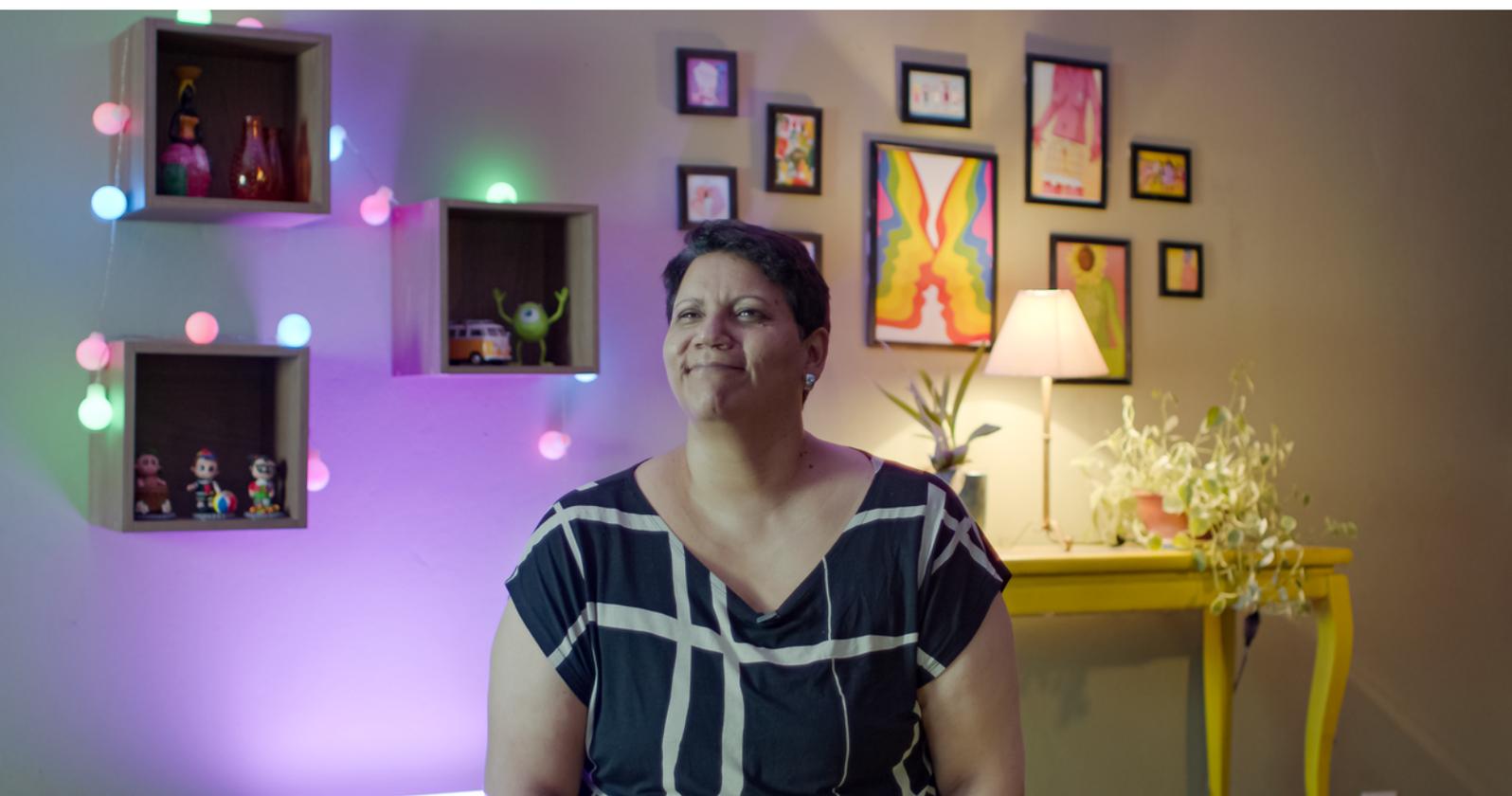


Fonte: Autor (2023)

Devido a um conjunto de fatores que formam o contexto histórico do negro brasileiro e também o americano, a sua representação em produtos de comunicação audiovisual foi em sua imensa maioria ligada ao sexo, pobreza, favela, tráfico, violência, marginalidade, servidão (empregados domésticos) e pouca afetividade. Esses produtos fazem parte de uma lógica da cultura de massa que ajuda [...] a moldar no subconsciente dos indivíduos pertencentes a essa sociedade, estereótipos e estigmas de um determinado grupo, nesse caso da população negra. E essas construções no imaginário vão ao passar do tempo se consolidando cada vez mais, de maneira que sempre que há algum negro em alguma das situações citadas, há uma ligação entre o estereótipo criado e um caso real, porém não se analisa o indivíduo como separado, associa-se diretamente a todo o grupo. Não há um afastamento temporal para se compreender que essa imagem não retrata expressamente uma realidade, nem que foi criada sem base verídica, essa imagem é fruto de um processo histórico e social de segregação racial, essa imagem faz parte de uma estrutura cultural e social que mantém o racismo (Oliveira, 2018, p. 38).

Cátia Santos: mulher cisgênero, bissexual, preta, 49 anos, professora. Nasceu em São Bernardo do Campo/SP e hoje mora em Limeira/SP. Cátia aborda questões da bissexualidade, apresentando no documentário uma vivência com poucos conflitos em relação a sua sexualidade. Cátia, relata no filme, que se assumiu sem dificuldade para as pessoas do seu convívio.

IMAGEM 4 - Catia Santos



Fonte: Autor (2023)

Filipa Brunelli: travesti, branca, 30 anos. Nasceu e reside em Araraquara/SP, onde atua como vereadora. Ela foi a primeira travesti eleita para o cargo na cidade e no centro leste do estado. Essa personagem explana as dificuldades que travestis, transgêneros e transsexuais enfrentam por serem quem são, como rejeição da família, mudança de casa, prostituição e diversas histórias nas quais sofreu violência. Mas além destas vivências negativas, Filipa apresenta o ponto de virada na sua vida: sendo vereadora da cidade de Araraquara, onde luta por políticas públicas para a comunidade LGBTQIA+.

IMAGEM 5 - Filipa Brunelli



Fonte: Autor (2023)

IMAGEM 6 - Ingrid Anjos



Fonte: Autor (2023)

Ingrid Anjos: mulher cisgênero, homossexual, preta, 26 anos, musicista e cantora. Nasceu em São Paulo/SP, e atualmente mora em Santo André/SP. Ingrid expõe questões raciais de pertencimento a grupos que a representam: por muito tempo fez parte de grupos de pessoas brancas e aos poucos foi reconhecendo sua identidade enquanto mulher preta, passando a se relacionar com pessoas que compartilham das mesmas vivências e militâncias que ela.

Júlia Paterniani (JuPat): mulher transgênera, branca, 39 anos, rapper. Nasceu em Ribeirão Preto/SP e hoje mora em Piracicaba/SP. JuPat apresenta a vivência de uma pessoa transgênera que teve uma transição mais tardia em relação a outras pessoas, aos 30 anos de idade, durante um relacionamento de mais de 10 anos. Essa personagem teve uma boa aceitação pela família em relação a sua transgeneridade, diferente de muitas pessoas transgêneras que enfrentam dificuldade de aceitação pela família, retratando processos diferentes de externalização da identidade de gênero.

IMAGEM 7 - Júlia Paterniani (JuPat)



Fonte: Autor (2023)

Julian Santos: homem transgênero, branco, 31 anos, poeta e cantor. Nasceu em Campina Grande/PB mas atualmente mora em São Paulo/SP. Esse entrevistado expõe as dificuldades em ser um homem transgênero na sociedade, traz questões da não aceitação da família, uso de hormônios, depressão e a invisibilização de homens transgêneros.

IMAGEM 8 - Julian Santos



Fonte: Autor (2023)

Sandra Toledo: mulher cisgênero, homossexual, branca, 55 anos, aposentada. Nasceu e reside em Limeira/SP. Sandra apresenta as dificuldades enfrentadas por ser LGBTQIA+ há 40 anos atrás, envolvendo a não aprovação da família e conflitos com a igreja, passou 16 anos em um relacionamento homossexual sem assumir a sua sexualidade e o seu relacionamento.

IMAGEM 9 - Sandra Toledo



Fonte: Autor (2023)

Wendy Moretti: transgênera não-binária, branca, 29 anos, dançarina. Nasceu em Guarulhos/SP e hoje mora em Salvador/BA. Essa personagem apresenta questões de não identificação com os gêneros masculino e feminino, sendo uma pessoa transgênera que transpassa essa binariedade. A Wendy também aborda questões sobre a sexualidade ser algo fluido.

IMAGEM 10 - Wendy Moretti



Fonte: Autor (2023)

## 2 BREVE CONTEXTO SOBRE A TEMÁTICA DO PROJETO

A imposição de um padrão social tido como correto e único traz consequências diversas para as pessoas que não o seguem. É o que ocorre com a norma cis-heterossexual, por muito tempo imposta socialmente, que reflete no modo de vida atual. Durante os últimos séculos, construiu-se a noção de que a única relação romântica e sexual aceita, digna de respeito e inclusão, é a que contém um homem e uma mulher cisgêneros. Esse fato criou uma relação de poder cis-heteronormativo, na qual a única sexualidade validada é a cis-hétero, deixando as demais possibilidades descartadas.

[...] a cisheteronorma é naturalizada de tal modo que suas regras se tornam culturalmente impostas visando produzir, desde a infância, corpos e subjetividades para que estes sejam cisgêneros e heterossexuais, infligindo punições contra aqueles/as que a subvertem e reforçando comportamentos daqueles/as que se adequam para que (re)produzam outros corpos e subjetividades que se adequem à cisheteronorma (Rosa, 2020, p. 100).

Muitas vezes, as LGBTQIA+ passam por um processo complicado de reconhecimento de sua sexualidade e identidade, autoaceitação e “aprovação” das pessoas que as cercam.

Esse fato traz consequências diversas para a pessoa dissidente dos padrões cis-heteronormativos, sem apoio e sem modelos de representação diferentes dos tradicionais, se vê perdida e sozinha. Além disso, o processo de se assumir conta com outro obstáculo: o medo da rejeição por parte dos familiares e amigos, por isso, muitas pessoas preferem esconder suas sexualidades para evitar esses conflitos e acabam vivendo uma vida “dentro do armário”.

Atualmente, houve muitos avanços e ganhos para a comunidade LGBTQIA+ se compararmos a algumas décadas atrás, como a despatologização da homossexualidade pela OMS em 1999 e da transexualidade em 2018, sendo a última, reclassificada na lista de “condições relacionadas à saúde sexual” como “incongruência de gênero”; cirurgia de redesignação do sexo gratuita pelo SUS em 2008; adoção por casais homoafetivos em 2010; união estável por casais homoafetivos em 2011 e casamento em 2013; direito ao uso de nome social por pessoas transgêneros em 2016; criminalização da LGBTfobia<sup>2</sup> em 2019; entre outros.

É evidente que de 1969, em Stone Wall<sup>3</sup>, aos dias atuais foram obtidos avanços significativos no reconhecimento dos direitos LGBT. Apesar das resistências de vários Estados, o tema LGBT é aos poucos inserido na agenda internacional, passando de casos individuais, oriundos de decisões no âmbito dos Comitês, Comissões e Cortes, à demandas coletivas cujo resultado tem produzido a adoção ou revogação de legislação e políticas com impacto na população de um país como um todo [...] (Terto, 2015, p 144).

Porém, mesmo com esses avanços, a comunidade ainda sofre muito com a violência e a exclusão. Segundo o relatório produzido em 2022 pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+, o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo, contabilizando 273 mortes de pessoas LGBTQIA+ em 2022. Ainda há muito o que se fazer para essa realidade mudar, é necessário muita luta para que se conquiste a liberdade de sair sem ter medo de sofrer com constrangimento, olhares julgadores, agressão verbal, agressão física, e, no pior dos casos, ser morto por ser quem você é.

Segundo Cruz (2014), se utilizada de forma ativista, buscando a representatividade das pessoas LGBTQIA+, a comunicação pode servir como instrumento de conscientização da população acerca dos assuntos voltados às questões da comunidade LGBTQIA+, fazendo-se uma ferramenta anti-homofobia:

<sup>2</sup>Aversão, preconceito, discriminação e violência direcionados a pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, baseados em sua orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero.

<sup>3</sup>A Rebelião de Stonewall foi uma série de protestos e confrontos que ocorreram em 1969 no Stonewall Inn, um bar frequentado por pessoas LGBTQIA+ em Nova York. A revolta foi uma resposta à perseguição e discriminação enfrentadas pela comunidade LGBTQIA+. Os manifestantes resistiram à polícia durante várias noites, marcando um ponto de virada na luta pelos direitos LGBTQIA+ nos Estados Unidos. A rebelião impulsionou a formação de organizações ativistas e a celebração anual do Orgulho LGBTQIA+.

<sup>4</sup><https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>

A busca da visibilidade massiva por meio da mídia, a adoção das novas tecnologias digitais para fortalecer o ativismo e a diversificação dos espaços de participação social, de organização, de articulação com o poder público e de formatos institucionais têm sido as principais táticas utilizadas nos últimos anos para fortalecer as lutas anti-homofobia e ampliar o reconhecimento de direitos (Cruz, 2014, p. 39).

Quanto mais produtos audiovisuais voltados para as questões das pessoas LGBTQIA+, mais as pessoas terão empatia e respeito pelo grupo representado, naturalizando os corpos dissidentes do padrão cis-heteronormativo, como retrata Ericarla Dias, citando Correa *et al.* (2015), em seu artigo “Exposição e atitudes frente à mídia LGBTQ+: desenvolvimento de medidas e o papel moderador da orientação sexual”:

A inclusão de temas, personagens e pessoas LGBTQ+ na mídia é um passo relevante para diminuir o preconceito, pois contribui para a naturalização das relações e da vivência comunitária, mostrando que, assim como outros públicos, o LGBTQ+ também pode ser representado na mídia (Dias, 2023, p. 18).

Sendo assim, o documentário vem com a proposta de valorizar as características e as vivências de cada indivíduo. Através de entrevistas, as pessoas fora dos padrões cis-héteros contam sobre as dificuldades em se assumirem e serem quem são. Também são apresentados artistas LGBTQIA+, a fim de fortalecer a produção artística da comunidade e trazer uma afirmação positiva do orgulho de ser quem é.

### 3 CRIAÇÃO DO PROJETO

A ideia do projeto se relaciona com a história de vida do idealizador do projeto e diretor da produção audiovisual, Alessandro Stenico. Como muitas outras pessoas LGBTQIA+, Alessandro, teve durante a infância e adolescência, dificuldades de entender, aceitar e assumir a sua sexualidade para os seus familiares e amigos. Essas dificuldades acabaram ocorrendo por falta de representatividade LGBTQIA+ no seu redor e falta de conhecimento sobre assuntos em torno da sexualidade pelas pessoas do seu convívio, tornando difícil encontrar apoio que pudesse lhe ajudar nesse processo.

Esse contexto fez com que ele se fechasse cada vez mais dentro de seu próprio “armário”, pois tinha medo da rejeição e de sofrer violência ao descobrirem que ele era aquilo que as pessoas tanto julgavam e criticavam. Por conta disso, passou a sua infância e adolescência controlando seus trejeitos e o seu modo de falar. Isso fez com que ele se tornasse uma pessoa fechada, que não demonstrava muito afeto e sentimentos.

Felizmente, ele foi aprovado no vestibular da Unesp de 2015 e acabou se mudando

de cidade para estudar, ele morava em Piracicaba/SP e passou a morar em Bauru/SP. No ambiente universitário encontrou muitas referências de pessoas LGBTQIA+ que tinham orgulho de serem quem elas eram, e por fazer um curso de humanas, mais precisamente Comunicação Social, acabou entrando em contato com diversas discussões sociais, que antes não teve acesso, esses fatores foram fundamentais para que ele se entendesse e conseguisse se libertar desse “armário” que havia sustentado por tanto tempo. Assim, durante a graduação, ele conseguiu se assumir como homossexual, sendo esse, um dos momentos mais importantes de sua vida.

Por conta desse contexto, Alessandro decidiu realizar o seu trabalho de conclusão de curso com essa temática, para representar a sua história de vida e que pudesse representar a história de vida de muitas outras pessoas, além de poder ajudar quem está passando pelo momento de entender e aceitar as suas diversas sexualidades.

IMAGEM 11 - Alessandro



Fonte: Autor (2023)

## 4 EVENTOS PRESENCIAIS

Atualmente, com a produção do filme finalizada e antes do lançamento do filme no YouTube, estão sendo realizados diversos eventos de exibição presencial do filme e rodas de conversa sobre diversidade e a comunidade LGBTQIA+. Os eventos, normalmente, são realizados em espaços culturais e em universidades públicas, buscando levar essa discussão para mais lugares, fortalecendo assim, a consciência coletiva de luta em busca da conquista de direitos e melhora do cenário violento para a comunidade.

Através da realização dos eventos de exibição presencial do filme e roda de conversa, procura-se ocupar e impactar diretamente os espaços e as pessoas presentes, com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade cada vez mais inclusiva, justa e consciente sobre os assuntos envolvendo as sexualidades, contribuindo para que o ambiente familiar, escolar e profissional sejam locais inclusivos e não discriminatórios; evitando conflitos que impeçam as pessoas de se assumirem tais como elas são, e, quando o fizerem, não sofram com atitudes negativas.

Esses eventos vêm corroborando com a luta do movimento LGBTQIA+, favorecendo discussões sobre assuntos importantes para a sociedade e fortalecendo coletivos e organizações em prol da comunidade, contribuindo assim, para que os diversos espaços da sociedade sejam cada vez mais acolhedores e inclusivos, principalmente para as pessoas transgêneras, transsexuais e travestis. Além de que, lutamos para que as LGBTQIA+ ocupem cada vez mais os espaços de poder na sociedade, em todas as áreas, principalmente na política, onde buscamos ações em favor da comunidade.

Já realizamos alguns eventos de exibição do filme e roda de conversa que impactaram mais de 1.500 pessoas, entre eles: Teatro Municipal “Dr. Losso Neto” - Piracicaba/SP; Unesp (15 campus); Senac Jundiaí/SP; Sesc SP (5 eventos); Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba/SP (2 eventos); Centro Cultural da Diversidade de São Paulo; Unifesp (5 campus); UFF Gragoatá; Usina Cultural Energisa - Nova Friburgo/RJ; UERJ Maracanã; Esalq/USP; UFV; UFMG Belo Horizonte; UEMG Divinópolis; Usina Cultural Energisa - Cataguases/MG; UFSCar (2 campus); IFSP Bragança Paulista; UFSC (5 campus); UDESC; Unespar.

O impacto positivo da iniciativa é perceptível nos eventos presenciais que já realizamos, principalmente nas rodas de conversa sobre diversidade que fazemos após a exibição do filme, onde abrimos para o público comentar e perguntar. Na roda de conversa, conseguimos notar que o filme atingiu o objetivo de trazer representatividade LGBTQIA+. Em todos os eventos, o público relata o quanto o filme os atingiu de alguma forma e atravessou suas vivências pessoais. Além disso, também é exposto pelo público, a importância de eventos como estes, sendo que em muitos destes locais, não haviam eventos assim anteriormente.

A receptividade do público sempre foi positiva nos eventos que já realizamos, nunca tivemos um feedback negativo. Com a exibição do filme e roda de conversa, notamos que

conseguimos proporcionar um espaço acolhedor e seguro para que as pessoas possam compartilhar suas fragilidades e vivências em torno de assuntos tão delicados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Carole Ferreira da. **Ativismo anti-homofobia**: embates político-midiáticos da rede LGBT na internet. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, p. 267, 2014.

DE JESUS PRADO, Elizabeth Alves; DE SOUSA, Maria Fatima. Políticas públicas e a saúde da população LGBT: uma revisão integrativa. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**, v. 11, n. 1, p. 69-80, 2017.

DIAS, Ericarla Verônica Almeida. **Exposição e atitudes frente à mídia LGBTQ+**: desenvolvimento de medidas e o papel moderador da orientação sexual. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, p. 77, 2023.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Brasil, Zahar, 2004.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Silva de. **Pantera Negra**: representatividade e ancestralidade. Um estudo sobre as novas representações dos indivíduos negros em produtos audiovisuais. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 88, 2018.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-Filosofia**, v. 18, n. 2, 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley. University of Califórnia Press, 1990.

TERTO, Angela Pires; SOUZA, Pedro Henrique Nascimento. De Stonewall à Assembleia Geral da ONU: reconhecendo os direitos LGBT. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, v. 3, n. 6, p. 120-148, 2015.

Recebido em: 30/05/2023

Aceito em: 19/07/2023